

Carlos Rogério Gonçalves da Silva

SÁNDOR FERENCZI

incansável freudiano

Carlos Rogério Gonçalves da Silva

SÁNDOR FERENCZI

incansável freudiano

I São Paulo I 2025 I



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S586s

Silva, Carlos Rogério Gonçalves da -
Sándor Ferenczi: incansável freudiano / Carlos Rogério
Gonçalves da Silva. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-307-3

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-307-3

1. Ferenczi. 2. Einfühlung. 3. Tato. 4. Empatia. 5. Clínica
psicanalítica. I. Silva, Carlos Rogério Gonçalves da. II. Título.

CDD: 150.195

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicanálise

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 o autor.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	benzoix, lacerdabh - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Belarius Poster, Lavoir
Revisão	Vanessa Bastos
Autor	Carlos Rogério Gonçalves da Silva

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Agradecimentos	10
Introdução	12
CAPÍTULO 1	
Versões.....	14
CAPÍTULO 2	
<i>Einfühlung:</i> percurso inicial	16
CAPÍTULO 3	
<i>Einfühlung:</i> entre o tato e a empatia.....	18
CAPÍTULO 4	
Empatia afetiva e autêntica	24
CAPÍTULO 5	
<i>Einfühlung:</i> topologia	27
CAPÍTULO 6	
Veredas.....	31
CAPÍTULO 7	
Venturas e descompassos.....	34
Epílogo.....	38
Referências.....	41
Sobre o autor	44

*Por que então não teriam vocês o
direito de investigar por conta própria,
para saberem se as coisas funcionam
de outra maneira que não a que
indica o meu pensamento?*

Freud¹ ([1924] apud Jones, 1979, p. 620).

1

FREUD, Sigmund. [Correspondência]. Destinatário:
Sándor Ferenczi. 04 fev. 1924.

AGRADECIMENTOS

A presente reflexão integrou as atividades de conclusão do curso de formação em Psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP). Expresso minha profunda gratidão à orientação generosa da psicanalista didata Maria Teresa Mendonça de Barros, a Teca, bem como à banca examinadora, composta pelos psicanalistas Elaine Grecco e Gustavo Dean-Gomes, cujas perspicazes observações foram essenciais para uma compreensão mais apurada dos conceitos e da clínica de Sándor Ferenczi.

Estendo minha gratidão à psicanalista didata Araceli Albino, que realiza a árdua tarefa de guiar seus alunos pelas sinuosidades da metapsicologia, renovando Freud para inúmeras gerações de psicanalistas. Registro também minha admiração pelo trabalho dedicado de Suely Pinha, diretora do NPP à época de meu ingresso, cuja perda precoce foi fundamentalmente sentida.

Por fim, agradeço aos professores do NPP e aos colegas da turma 27, cuja companhia e interlocução foram indispensáveis em minha caminhada de aprendizado e reflexão.

À Ana Paula, companheira de muitas vidas.
Aos meus pais, Joaquina e Antonio, pelos começos.
À Rita, irmã, pelo afeto.

INTRODUÇÃO

O segundo Congresso Internacional de Psicanálise foi realizado em 1910 na cidade de Nuremberg e a partir de seus debates foi criada a Associação Psicanalítica Internacional, tendo Sándor Ferenczi como férreo defensor. O psicanalista húngaro também expôs no mesmo evento a conferência *Sobre a história do movimento psicanalítico*. Em seguida acompanhou Sigmund Freud – que conhecera dois anos antes – à Itália, passando por Roma, Nápoles, Palermo e Siracusa. Tais viagens conjuntas, seja por razões não estritamente profissionais – como parecia ser o caso – ou em nome da divulgação do movimento psicanalítico eram comuns. Em 1909, aliás, juntamente com Carl Gustav Jung, ambos realizaram a incursão aos Estados Unidos para a famosa série de conferências na Universidade Clark, que resultou na publicação de *Cinco lições de psicanálise*.

Em terras italianas ocorreu o evento denominado por Bokanowski (2000a, p. 19) de incidente de Palermo. Ao que tudo indica, uma investida amorosa de Ferenczi causadora de um desconforto imediato. Após reiterados pedidos de desculpas, Freud responde em carta de 6 de outubro de 1910:

Não tenho mais necessidade desta abertura total de personalidade, você não apenas observou como compreendeu, e você reagiu com força justamente à causa traumática deste estado de coisas. Então por que você se entusiasmou assim? Desde o caso com Fliess, de cujo excesso você me viu precisamente ocupado, esta necessidade apagou-se em mim. Uma parte de meu investimento homossexual foi retirada e utilizada para o incremento de meu próprio eu. Fui bem-sucedido onde o paranoico fracassa (Freud², [1910] *apud* Bokanowski, 2000a, p. 20).

Tal episódio é simbólico da complexa relação estabelecida entre Ferenczi e Freud. Foram vinte e cinco anos de um convívio íntimo e intensa correspondência, permeados por sentimentos poderosos, mal-entendidos insuperáveis e uma profusão de papéis ocupados, fonte de uma monumental carga transferencial: pai e filho, mestre venerado e discípulo fiel, analista e analisando, amigos afetuosos, parceiros e rivais em disputas sobre o cânone psicanalítico. A criação e o aprimoramento de conceitos propriamente ferenczianos podem ser mais bem compreendidos justamente tendo como pano de fundo o contexto transferencial que os enredou. Do mesmo modo, soa estéril separar o desenvolvimento da clínica, da metapsicologia e do movimento psicanalítico das primeiras décadas do século XX do forte vínculo entre Freud e Ferenczi.

O propósito da presente reflexão é pensar com vagar sobre o conceito de *Einfühlung*, pois acreditamos ter sido ele a síntese tanto do modo como Ferenczi estruturava seu enfoque teórico-clínico quanto de sua complexa relação com Freud que, ora lhe estimulava a ousadia, ora agia como o cioso guardião do cânone psicanalítico. Partimos do debate etimológico, para em seguida traçar a evolução do conceito, destacando seu caráter polissêmico e pendular entre o tato e a empatia. Finalizaremos destacando como a *Einfühlung* está na base de uma prática clínica alicerçada no cuidado, posicionando-se como alternativa a uma abordagem tida como clássica.

1

VERSÕES

Sándor Ferenczi atribuiu à *Einfühlung* forte carga polisêmica em variados textos e contextos, todavia, é na conferência *Elasticidade da técnica psicanalítica* ([1928] 2020c) – proferida na Sociedade Húngara de Psicanálise no momento da chamada virada de 1928³ – que assumiu sua configuração mais notável, consoante à fase mais ousada das contribuições psicanalíticas de nosso autor. Em uma primeira abordagem, *Einfühlung* pode ser definida como equivalente a “tato psicológico”, a capacidade de “sentir com” ([1928] 2020c, p. 31), de acordo com a tradução das obras completas

3

A expressão “virada ferencziana de 1928” – encontrada em KUPERMANN, Daniel. A virada de 1928 e os princípios para uma ética do cuidado em psicanálise. In: **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019a. p. 89. (Coleção grandes psicanalistas, 7; Daniel Kupermann (coord.)). – tem como referência a virada freudiana da década de 1920, mudança teórica caracterizada pela formulação da pulsão de morte e da segunda topologia do aparelho psíquico. Embora a originalidade teórica e clínica de Ferenczi pudesse ser observada em momentos anteriores, seria a partir de 1928 que chegaria ao ápice com a trilogia formada por *A adaptação da família à criança*, *O problema do fim da análise* e *Elasticidade da técnica psicanalítica*.

de Ferenczi a partir do francês, que chegou ao Brasil na década de 1980 pela editora Martins Fontes. É comum também encontrarmos o termo “empatia” (Bokanowski, 2000b, p. 74), o que nos leva à ampliação do debate sobre as possibilidades de tradução.

De acordo com Kupermann (2019a, p. 109), *Einfühlung* teria o significado de “sentir dentro”, a capacidade do analista de sentir o analisando em si, uma disponibilidade para tornar-se outro. “Sentir com”, por sua vez, equivaleria não a “empatia”, mas à “simpatia”, fenômeno próximo dos aspectos conscientes e pré-conscientes e menos conectado aos inconscientes em jogo na clínica. No original em francês consta a frase “*Le tact, c’est la faculté de sentir avec*” e o termo alemão está no rodapé. Todavia, no original em alemão “*Takt ist Einfühlungsvermögen*” (publicado na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*) não há qualquer alusão a simpatia ou “sentir com”. Há que se notar que a versão em português, além de utilizar “sentir com”, acrescenta o termo em alemão entre parênteses a seu lado no corpo do texto: “*O tato é a faculdade de ‘sentir com’ (Einfühlung)*.” (Ferenczi, [1928] 2020c, p. 31).

2

EINFÜHLUNG:
PERCURSO INICIAL

O termo *Einfühlung* experimentou um processo de maturação conceitual - que passou por sua incorporação ao campo psicanalítico - e acompanhá-lo nos auxilia na melhor delimitação de seus significados, enriquecendo, inclusive, a compreensão do debate em torno de suas possibilidades de tradução. Possui conexão original com a estética, vinculando-se aos filósofos alemães Robert Vischer e Theodor Lipps. Vischer criou o termo em 1873 e foi, inclusive, citado na correspondência entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess. É em *O chiste e sua relação com o inconsciente* ([1905] 2017) que as primeiras noções de empatia são utilizadas por Freud em sua obra em um contexto de análise do inconsciente sob sua dimensão social (Dean-Gomes, 2019b, p. 348-349).

Einfühlung encontra-se em um sentido embrionário e mais amplo - enquanto "tato" - já nas primeiras reflexões de Sándor Ferenczi

envolvendo o campo psicanalítico, sendo observado na conferência *As neuroses à luz do ensino de Freud e da psicanálise*: "... É evidente que a análise deve ser praticada com muito tato [...]" (Ferenczi, [1908] 2020, p. 17). De acordo com essa perspectiva, tato lembraria a existência de um outro, com uma psiquê específica a qual exigiria uma adaptação do método e consequentemente uma sensibilidade e fuga de posições dogmáticas da parte do analista (Dean-Gomes, 2019a, p. 139). Um desdobramento de tal raciocínio pode ser observado em *A adaptação da família à criança* (Ferenczi, [1928] 2020a), onde vemos Ferenczi caminhar na direção de uma clínica cujo analista deveria ter clareza de que - qual as figuras parentais - precisaria se adaptar à singularidade de cada analisando e não este às estruturas teóricas prévias da psicanálise (Kahtuni; Sanches, 2009a, p. 29).

Ferenczi menciona *Einfühlung* no sentido de "empatia" em 1911, justamente num comentário sobre as reflexões freudianas a respeito do chiste, acrescentando que a empatia seria o meio pelo qual a audiência de piadas sobre o tamanho tido como anormal de uma parte do corpo compararia seus atributos com os do cômico, gerando como resultado uma descarga de excitações as quais seriam fonte do prazer humorístico (Ferenczi, [1911] 2020).

Já em *O problema da afirmação do desprazer* (Ferenczi, [1926] 2020), o psicanalista húngaro trabalha a partir de algumas hipóteses que relacionam empatia ao psiquismo infantil.

3

EINFÜHLUNG:
ENTRE O TATO E A EMPATIA

Ao traçarmos o caminho inicial percorrido pelo conceito de *Einfühlung* temos um breve cenário de sua diversidade de sentidos, notadamente sua posição entre "tato" e "empatia". Necessário retomarmos com atenção especial o trabalho *Elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, [1928] 2020c) - haja vista ser o momento de maturidade do conceito - para melhor captar esses significados, dedicando-nos com mais vagar em um primeiro momento à relação entre a *Einfühlung* e o tato.

Focado na prática terapêutica e enviado para avaliação de Freud no primeiro dia de 1928, a reflexão de Ferenczi recebeu uma apreciação instigadora:

[...] Meus conselhos sobre a técnica, dados tempos atrás, foram essencialmente negativos. Eu considerava mais importante enfatizar o que não deveria ser feito,

demonstrar as tentações que se opõem à análise. Quase tudo o que é positivo, que se deve fazer, eu deixei para o “tato”, que foi introduzido por você. Mas o que eu consegui foi que os obedientes não tomassem nota da elasticidade dessas advertências e se submetessem a elas como se fossem tabus. Isso tinha de ser revisto de algum modo, sem que, certamente, fossem revogadas as obrigações (Freud⁴, [1928] *apud* Dean-Gomes, 2019b, p. 337).

A correspondência deixa claro o papel de Ferenczi em chamar a atenção sobre aspectos do pensamento freudiano que o próprio pai da psicanálise deixou esboçados, não escondendo possíveis elementos de tensão. Não à toa, o artigo debruçou-se inicialmente sobre o texto *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (Freud, [1912] 2010) que, segundo o intelectual húngaro, forneceria as bases de uma pesquisa metódica do psiquismo, de modo que a prática da psicanálise não se circunscreveria a sábios, mas àqueles com o domínio do método. Ferenczi também propõe que as características pessoais dos analistas acabariam por submergir nas sessões na medida em que fossem analisados. O “tato psicológico”, nesse contexto, seria a parte remanescente da “equação pessoal” a lembrar as possíveis idiosincrasias no proceder dos analistas (Dean-Gomes, 2019b, p. 339-340).

Sándor Ferenczi associa o conceito de “tato psicológico” a três situações para as quais o analista deve estar atento no tratamento: compreender quando e como comunicar algo ao paciente, notar como pode ser respondida uma reação inesperada e perceber qual o momento de calar ou quando o silêncio se torna iatrogênico, traumático. E complementa:

Permanecendo ao mesmo tempo e a todo momento atentos à força da resistência, não nos será difícil decidir sobre a oportunidade de uma comunicação e a forma de

que deve revestir-se. *Esse sentimento nos impedirá de estimular a resistência do paciente, de maneira inútil ou intempestiva*; por certo não é dado à psicanálise poupar o paciente de todo o sofrimento; com efeito, aprender a suportar um sofrimento constitui um dos resultados principais da psicanálise. Entretanto, uma pressão a esse respeito, se for desprovida de tato, fornecerá apenas ao paciente a oportunidade, ardentemente desejada pelo inconsciente, de subtrair-se à nossa influência (Ferenczi, [1928] 2020c, p. 31-32, grifo nosso).

Assim sendo, o tato “[...] designa tanto a *capacidade de distinguir e escolher o momento justo da intervenção terapêutica adequada do analista quanto o modo de realizar essa intervenção*. O tato se relaciona com o ritmo e o tom da intervenção.” (Kahtuni; Sanches, 2009e, p. 369). Uma reflexão proposta por Dean-Gomes (2019b, p. 341) sobre “ritmo” e “tom” merece destaque: Ferenczi nos remeteria aos elementos não verbais dos encontros humanos, até então pouco teorizados pelos analistas, inclusive abrindo margem para a fala e sua forma, o aspecto estético que o analista pode imprimir ao encontro com o analisando tendo em vista sua singularidade afetiva.

Um dos princípios fundamentais da prática analítica poderia ser aprimorado, uma vez que a descoberta do material inconsciente e sua interpretação não seriam os únicos meios para a resolução de certo conflito psíquico, já que o trabalho do psicanalista deveria considerar a particularidade de cada analisando, seu ritmo e tempo. A reflexão de Ferenczi ora destacada dialoga fortemente com a abordagem de Freud sobre o processo de elaboração e compreensão da resistência:

É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida, para que a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise. Somente no auge da resistência podemos, em trabalho comum com o analisando, descobrir os impulsos instintuais que a

estão nutrindo, de cuja existência e poder o doente é convencido mediante essa vivência. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem um curso que não pode ser evitado, e tampouco ser sempre acelerado (Freud, [1914] 2010b, p. 181-182, grifo nosso).

As consonâncias entre Ferenczi e Freud não apagariam o cuidado que o último demonstrou com eventuais questões relacionadas à institucionalização do tato dentro da clínica. O pai da psicanálise advertiu, na própria carta há pouco mencionada, que “... Todos aqueles que não têm tato verão no que você escreve uma justificativa para a arbitrariedade, por exemplo, a subjetividade, a influência de seus próprios complexos não resolvidos.” (Freud⁵, [1928] *apud* Dean-Gomes, 2019b, p. 344). Em resposta, Ferenczi⁶ argumenta enfaticamente que “Nossas concepções não são diferentes” e sua proposta de tato não abriria caminhos para condutas arbitrárias ou resultantes de complexos dos analistas, uma vez que estes aceitassem ser analisados ([1928] *apud* Dean-Gomes, 2019b, p. 345). Acrescenta, incluindo a si mesmo nessa situação: analistas não suficientemente analisados e sem o conhecimento da própria psiquê ficariam impossibilitados de adquirir o tato psicológico dando margem a erros para com seus analisandos (Kahtuni; Sanches, 2009e, p. 369).

O tato seria, de acordo com Kahtuni e Sanches (2009e, p. 368), uma das faces para a compreensão da *Einfühlung*, contudo, seu complemento necessário estaria na empatia. Ambos são parte do arcabouço necessário a um processo psicanalítico no qual o analista seria figura central para sua eficácia, notadamente a partir de 1928. O entrelaçamento de tais conceitos fica mais evidente quando recorremos novamente ao próprio Ferenczi: “O tato é a faculdade de ‘sentir com’ (*Einfühlung*).” ([1928] 2020b, p. 31).

5 FREUD, Sigmund. [Correspondência]. Destinatário: Sándor Ferenczi. [jan. 1928].

6 FERENCZI, Sándor. [Correspondência]. Destinatário: Sigmund Freud. [jan. 1928].

A empatia, no entanto, se diferenciaria pela capacidade do analista em se colocar no lugar do analisando, afinando-se com seus sentimentos e pensamentos, apreendendo mecanismos inconscientes, tais como representações mentais substitutas, resistências e impulsos reprimidos (Kahtuni; Sanches, 2009c, p. 143). Tal capacidade deveria ocorrer, todavia, sem a perda de seus próprios referenciais, preservando a capacidade de discernimento e de análise contínuos. Com a manifestação de uma postura empática a partir desses pressupostos o analista estaria muito próximo de sentir e pensar como se fosse o paciente, o “sentir dentro” defendido por Kupermann (2019a, p. 109) ou o “sentir o outro dentro de si” como preferem Kahtuni e Sanches (2009c, p. 142). Indicaria, portanto, uma habilidade relacional de identificação (Kahtuni; Sanches, 2009e, p. 369-370).

O uso do tato em combinação com a empatia levaria a uma nova abordagem em relação à técnica psicanalítica canônica - alicerçada no tripé associação livre, princípio da abstinência no campo transferencial e interpretação –, repensada em nome de um protagonismo do analisando, uma vez que seria o analista aquele a dispor da maleabilidade necessária para o atendimento dos pacientes considerados até então inanalisáveis. Pode-se afirmar que, a partir de *Elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, [1928] 2020c), a psicanálise direcionou seu olhar para os chamados “pacientes difíceis”, denominação inicial do que hoje se conhece como *borderlines* (literatura anglo-saxã), casos-limite (literatura francesa) ou patologias narcísicas. Segundo Ferenczi, seriam pacientes efetivamente traumatizados e com dificuldades na realização da associação livre, em sonhar, no cometimento de atos falhos e na inclusão do analista no processo transferencial. Diante de tal quadro, demandariam do psicanalista uma “presença sensível” que possibilitaria algum tipo de intervenção clínica (Kupermann, 2019a, p. 91-92).

A ausência do tato psicológico combinado com a empatia poderia levar ao aumento das resistências e eventuais retraumatismos no momento de uma interpretação ou assinalamento - mesmo que corretos em seu conteúdo - retirando do analista instrumentos clínicos essenciais na facilitação do processo terapêutico. Tal abordagem faz ainda mais sentido se lembrarmos do pioneirismo de Ferenczi ([1928] 2020a) na defesa de um ambiente humano munido de tato em relação à criança desde o seu nascimento. O analista - enquanto representante do mundo externo - deveria, dentro dessa lógica, tratar com tato seus pacientes para não revivescer o contexto possivelmente hostil e traumático experimentado pelo infante (Kahtuni; Sanches, 2009e, p. 370).

4

EMPATIA AFETIVA
E AUTÊNTICA

Há uma reflexão importante em Coelho Junior (2004, p. 76-77) sobre como Freud e Ferenczi veem a *Einfühlung* enquanto empatia: o primeiro reconhece seu uso clínico, ligando-a a processos que nos permitiriam compreender outro ser humano por meio de uma capacidade cognitiva de nos colocar em seu lugar, enquanto o segundo lhe atribuiria um significado de ordem mais afetiva e emocional. Tal distinção merece nota, pois nos auxilia na compreensão de como a abordagem ferencziana de empatia está ancorada na experiência pessoal de seu criador.

Esse também é o caminho seguido por Rachman⁷ (2004 *apud* Dean-Gomes, 2019b, p. 350) quando afirma que os elementos traumáticos da infância de Ferenczi se converteram em um “presente”

7

RACHMAN, Arnold William. **Sándor Ferenczi**: el terapeuta de la pasión y la ternura. Santiago: Indepsi, 2004.

para seus pacientes, na medida em que transfiguraram sua empatia pessoal em uma empatia clínica. Em tal processo, por meio da percepção da importância da relação entre mãe e filho – central na obra do psicanalista húngaro – seria possível entrar em sintonia, “sentir dentro” a privação de seus analisandos.

Essa abordagem levou Sándor Ferenczi inúmeras vezes a confrontar o modelo psicanalítico estabelecido a partir de um experimentalismo que expandia seu universo de atuação. Um exemplo paradigmático foi narrado por Clara Thompson – sua paciente e destacada terapeuta – sobre um militar que, punido por transgressões disciplinares durante a Primeira Guerra Mundial, desenvolvera um transtorno mental agudo, cujo desdobramento levava-lhe a uma falta de cuidado consigo e com sua higiene. Ferenczi – médico do exército austro-húngaro durante o conflito – ao ser removido para o campo de exercícios militares encontrou-se com esse soldado e, de forma intuitiva, abraçou-o silenciosamente com genuína preocupação, gerando, de imediato, um processo de recuperação do enfermo. De acordo com Thompson, o ato reafirmaria ao homem a presença de um amigo, independentemente da tragicidade de sua condição (Dean-Gomes, 2019b, p. 352).

Ferenczi enfatizava em *Elasticidade da técnica psicanalítica* ([1928] 2020c) a utilização da empatia mesmo com pacientes por quem se sintia antipatia. O início do tratamento com Elizabeth Severn⁸ indica os percalços pelos quais o analista pode se deparar, caso não

8 A análise de Elizabeth Severn (1879-1959), psicoterapeuta estadunidense, durou de 1924 até 1933, poucos meses antes da morte de Sándor Ferenczi. Publicou três livros pré-psicanalíticos, dois antes de sua ligação com o psicanalista húngaro e um após sua morte. Tendo por base seu último trabalho (*A descoberta do self: um estudo da cura psicológica* [1933]), parece ter evoluído de uma “paciente difícil”, severamente perturbada, para uma psicoterapeuta lúcida e equilibrada (KAHTUNI, Haydée Christine e SANCHES, Gisela Paraná. Severn, Elizabeth. In: *Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009d. p. 345).

adote tal postura autenticamente. Em nota de 5 de maio de 1932 em seu *Diário clínico*, admite que começou o tratamento com R.N. (iniciais que usou para preservar a identidade de Severn) “[...] sem simpatia especial de minha parte; evidentemente, dedico ao paciente, enquanto médico, um interesse que considero leal”, chegando a explicitar uma efetiva “antipatia” (Ferenczi, [1932] 1990c, p. 134). Acabou por adotar uma deliberada atitude de indulgência e interesse para compensar seu desconforto contratransferencial. O problema foi que esse interesse acima do tom e artificial levou a paciente a achar que Ferenczi estava apaixonado por ela o que, por sua vez, levou o psicanalista a interpretar a situação como resistência ao tratamento. A situação evolui em sua complexidade, pois Ferenczi empreende uma dedicação mais intensa ainda ao caso, inclusive com aumento de sessões e visitas domésticas. Ao fim e ao cabo, registra em suas anotações a sensação de que R.N. lhe estaria direcionando sentimentos de raiva e, segundo interpretação da própria Severn, o analista não teria empatia ou compaixão por ela (Dean-Gomes, 2019b, p. 354-355).

Mesmo com as dificuldades experimentadas pelo próprio Ferenczi em relação ao uso clínico da *Einfühlung* enquanto empatia⁹, o “sentir dentro” ou “sentir o outro dentro de si” inaugurou um caminho a ser seguido pelas reflexões da escola inglesa sobre a contratransferência a partir dos anos 1950 (Kupermann, 2019a, p. 92).

5

EINFÜHLUNG:
TOPOLOGIA

Na já mencionada carta para Freud enviada no início de 1928 (Ferenczi¹⁰, [1928] *apud* Dean-Gomes, 2019b) quando do debate sobre *Elasticidade da técnica psicanalítica* ([1928] 2020c), Ferenczi defendeu que o "sentir dentro" - base da experiência empática - tornar-se-ia útil ao processo analítico uma vez que fosse simultaneamente honesto (em consonância com o mencionado há pouco no caso de Severn) e acessível à observação do analista e não um brinquedo de suas disposições mais imediatas e pessoais. Pontua, inclusive, que a empatia não deveria ser evitada, sendo um processo a ocorrer no pré-consciente do analista e não em seu inconsciente. Dean-Gomes (2019b, p. 347 e 357) acrescenta que a posição ocupada pela empatia na topologia do psiquismo seria diferente da ocupada pelo tato analítico - mais próximo das dimensões conscientes - de modo que na formação do fenômeno

10

FERENCZI, Sándor. [Correspondência]. Destinatário: Sigmund Freud. [jan. 1928].

empático durante o tratamento psicanalítico o analista acabaria por manter uma conexão com seus referenciais.

O próprio Ferenczi tinha noção do quão complexo seria o processo de manejo clínico diante de tais pressupostos, em um constante movimento pendular entre os conteúdos inconscientes do analisando e o acesso aos níveis de pré-consciência e consciência do analista para este, de forma dinâmica, colocar-se francamente disponível a uma postura empática que proporcionasse o aflorar do tato psicanalítico e finalmente, alcançar a uma interpretação:

Pouco a pouco, vai-se percebendo até que ponto o trabalho psíquico desenvolvido pelo analista é, na verdade, complicado. Deixam-se agir sobre si as associações livres do paciente e, ao mesmo tempo, deixa-se a sua própria imaginação brincar com esse material associativo; nesse meio-tempo, comparam-se as novas conexões com os resultados anteriores da análise, *sem negligenciar, por um instante sequer, o exame e a crítica de suas próprias tendências.*

De fato, quase poderíamos falar de uma oscilação perpétua entre "sentir com", auto-observação e atividade de julgamento. Esta última anuncia-se de tempos em tempos, de um modo inteiramente espontâneo, sob a forma de sinal que, naturalmente, só se avalia primeiro como tal: é somente com base num material justificativo suplementar que se pode, enfim, decidir uma interpretação (Ferenczi, [1928] 2020c, p. 37-38, grifo nosso).

Alinhando-se a Ferenczi, Dean-Gomes (2019b, p. 358-359) reforça o papel do analista em um necessário exercício crítico do processo, que só seria possível justamente pelo fato da empatia ser um fenômeno a ocorrer no pré-consciente, não podendo ser confundida com uma identificação inconsciente. Uma rápida digressão a título de contraponto se faz necessária para lembrarmos a posição de Kupermann¹ (2019a, p. 109) que em sua defesa de "sentir dentro"

como melhor tradução para *Einfühlung* usou como argumento a consonância da expressão aos aspectos “[...] inconscientes em jogo na situação do encontro clínico.” Acrescentou - inclusive utilizando por base o próprio Ferenczi ([1932] 1990c, p. 122) - que o diálogo de inconscientes que se efetiva na relação transferencial favoreceria manifestações de maior sintonia entre analisando e analista e consequentemente a instauração da empatia (Kupermann, 2019a, p. 115).

A observação criteriosa da dinâmica da clínica também está enunciada no contexto em que Ferenczi define o que seria a “elasticidade da técnica”:

Aceito fazer minha a expressão “elasticidade da técnica analítica” forjada por um paciente. *É necessário ceder às tendências do paciente, mas sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões*, enquanto a falta de consistência de uma ou outra dessas posições não estiver plenamente provada.

Em nenhum caso se deve sentir vergonha de reconhecer, sem restrições, erros cometidos no passado. Nunca se esqueça que a análise não é um procedimento sugestivo, em que o prestígio do médico e sua infalibilidade têm de ser preservados acima de tudo. A única pretensão alimentada pela análise é a da confiança na franqueza e na sinceridade do médico, não lhe fazendo mal algum o franco reconhecimento de um erro (Ferenczi, [1928] 2020c, p. 36-37, grifos nossos).

Figuradamente, o analista - precisaria ter uma flexibilidade semelhante a um elástico, comprimindo-se ou esticando-se a depender da necessidade, mas com uma maleabilidade finita. A empatia e o tato psicológico estariam, assim, voltados ao atendimento das necessidades emocionais do analisando e não seriam a expressão ilimitada da satisfação de idiosincrasias, desejos narcísicos ou necessidades do analista (Kahtuni; Sanches, 2009b, p. 141). No entanto, vale dizer que esse “analista elástico” - imbuído de uma postura

empática a orientar o uso delicado do tato – também não poderia ser confundido com o analista permissivo, o que é reconhecido pelo próprio Ferenczi quando dá importante peso à necessidade de sustentação das convicções do profissional, contudo, sem a pactuação com o erro. Segundo Dean-Gomes (2019b, p. 359), Ferenczi pontua que, se na técnica ativa o médico pode desviar-se a ponto de dar margem a manifestações de sadismo, os analistas precisam tomar o devido cuidado para que as novas recomendações não se inclinem para uma técnica masoquista.

Diante desse quadro complexo e demandante, Ferenczi insiste na necessidade da análise pessoal do analista e consequente sintonia com o conhecimento teórico necessário a respeito do funcionamento do psiquismo humano. A elasticidade do analista seria, por conseguinte, uma plasticidade psíquica resultante de uma análise terminada, única base confiável para uma boa técnica analítica (Kahtuni; Sanches, 2009b, p. 141).

6

VEREDAS

O conceito de *Einfühlung* e seu caráter duplo, o tato e a empatia, esteve na base do debate que se organizou em torno de novas possibilidades teórico-clínicas, especialmente na década de 1920, a partir das reflexões de Sándor Ferenczi. Segundo Bokanowski (2002, p. 24), duas modalidades de clínica analítica poderiam ser assinaladas em tal contexto: a clássica, de Freud, e outra, menos ortodoxa e mais profunda, a do próprio Ferenczi. A primeira - essencialmente alicerçada no aspecto paterno da transferência, no levantamento do recalçamento e na recordação e sua construção - levaria, graças ao conhecimento do material representativo da transferência, à elaboração interpretativa, meta da análise, bem como à tomada de consciência. A segunda - centrada no aspecto primário da relação, a transferência materna, introduziria o conceito de relação de objeto, bem como a consideração de seus efeitos nos avanços do tratamento - é uma análise regressiva em que há predominância da experiência vivida, da interação, do pré-verbal e, é claro, da *Einfühlung*.

Permitiria a tomada de consciência dos traumatismos sofridos pelo analisando e seus aspectos infantis, por meio do contato direto com o analista¹².

Diante das transferências mais complexas de pacientes difíceis – para os quais o próprio Ferenczi se mostrava como último recurso – outras orientações e proposições técnicas se fariam necessárias. Para além da técnica ativa, Ferenczi também avançava – como destacamos há pouco – pelo caminho da chamada “elasticidade”, ou técnica de “relaxamento” ou “neocatarse”, tendo como meta a abordagem e tratamento das conjunturas clínicas de tipo passional. Confrontado com a compulsão à repetição dos traumas da infância, o analista húngaro foi levado a reelaborar o próprio conceito de trauma para além da questão da sedução conforme o teorizado por Freud. Produziu, desse modo, um avanço considerável ao encarar a etiologia traumática como resultado, tanto de uma violação psíquica da criança pelo adulto, como de uma confusão de línguas entre estes, bem como de uma recusa da realidade do desespero da criança, feita pelo adulto. Por essa perspectiva, o destino natural da libido ocuparia um papel secundário diante de conjunturas clínicas caracterizadas por estados extremos de dor emocional (e física) provocadores de agonia na vida psíquica do analisando.

Essas novas perspectivas teórico-clínicas desenvolvidas por Ferenczi parecem ter elevado a relação com Freud a outro patamar, transformando um convívio já complexo – mas prolífico em sua troca de impressões – para algo de tom mais beligerante, especialmente entre 1928 e 1933. De acordo com Bokanowski (2002, p. 25), um fosso teórico se descortina a partir da concepção de traumatismo infantil.

12

No capítulo quatro adiantamos brevemente a existência de uma clínica ferencziana que poderia ser considerada como alternativa à abordagem freudiana clássica, de acordo com KUPERMANN, Daniel. A virada de 1928 e os princípios para uma ética do cuidado em psicanálise. In: **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019a. p. 91-92. (Coleção grandes psicanalistas, 7; Daniel Kupermann (coord.)).

A crítica de Freud centrou-se na ideia de que os recursos do aparelho psíquico - como sua capacidade de transformação do trauma e a dor psíquica a ele conectada - estariam sendo desvalorizados, perdendo protagonismo à invocação da compulsão à repetição da situação traumática e a responsabilidade atribuída ao objeto. As novas concepções de Ferenczi seriam, para o pai da psicanálise, um retrocesso e quiçá um desvio teórico, com um risco de volta às concepções que ele próprio havia deixado de lado após sua "neurótica" de 1897.

7

VENTURAS E DESCOMPASSOS

Em 17 de março de 1932, Sándor Ferenczi dedicou-se em seu *Diário Clínico* às potencialidades e obstáculos envolvidos na aplicação da *Einfühlung* - a partir de mais uma árdua e conturbada sessão com Elizabeth Severn - por meio de uma reflexão intitulada *Vantagens e desvantagens do 'sentir com' intensivo*. Confidenciou estar profundamente incomodado com a duração excessiva das sessões (a de Severn, por exemplo, teria chegado a algo próximo a três horas) e, no entanto, com notável atitude empática, torturou-se com a possibilidade de abandonar seus pacientes em sofrimento: "Uma certa angústia à ideia de abandonar aquele que sofre, sem o ajudar, nem esperar o momento do apaziguamento." (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 95).

No entanto, desconfiando da possibilidade de estar sendo logrado, resolveu adotar uma atitude menos complacente com seus analisandos, experimentando-a justamente nas sessões com Severn:

“resolvi ser duro” (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 96). A inspiração para a mudança veio a partir da leitura sobre a experiência vivenciada por Mary Baker-Eddy¹³, que alegava curar-se e refazer-se de suas crises histéricas após ser deixada sozinha por horas. A estratégia de Ferenczi para colocar em ação sua nova abordagem foi sensibilizar a paciente a partir da utilização da análise mútua, assim expressando sua intenção com maior franqueza. Estimulado por Severn, inclusive, Ferenczi iniciou o processo com a análise de um sonho pessoal que expressaria a revolta contra o que chamou de “tirania do sofrimento” ([1932] 1990a, p. 96). A reação da paciente o surpreendeu: em um primeiro momento informou que teria conseguido com alguém a soma suficiente para manter a análise por mais um ano e em seguida aquiesceu, concordando que a duração das sessões mais prejudicava do que trazia benefícios. Por fim, explicitou que a sugestão para que Ferenczi iniciasse a análise mútua foi resultado da percepção de sua irritação e resistência. Diante da inutilidade da postura mais assertiva, o analista húngaro reconheceu em si um sentimento de culpa e - novamente com o auxílio de Severn - retomou a análise de sonhos que seriam a chave para sua agressividade latente, concluindo que a origem da questão estaria na relação complexa estabelecida com figuras femininas a partir de uma experiência de sedução com uma arrumadeira em sua tenra infância: “[...] Está aí a origem do meu ódio às mulheres: por isso é que eu quero dissecá-las, ou seja, matá-las. É por isso que a acusação de minha mãe, ‘tu és meu assassino,’ me atingiu em cheio o coração [...]” (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 96). Para lidar com tais afetos, havia se criado uma dinâmica psíquica alicerçada em uma supercompensação notável em atitudes compulsivas de auxílio aos sofredores - em especial as mulheres - e o bloqueio de situações de agressividade.

13

Ao perceber estar curada de uma longa e grave afecção, a estadunidense Mary Baker-Eddy (1821-1910) desenvolveu a tese de que somente pela via psíquica seria possível a cura das doenças, descartando qualquer referência ao corpo. Fundou a seita religiosa conhecida como “Ciência Cristã” que, ao espalhar-se pelo mundo, inspirou grupos contrários a qualquer intervenção médica, mesmo em situações de emergência.

Seria tentador nos determos no debate em torno do modo como Ferenczi retomou o uso da teoria freudiana da sedução infantil, bem como o trabalhoso manejo clínico da análise mútua¹⁴, no entanto, para mantermos o escopo de nosso trabalho, enfocaremos no próximo excerto o modo como o psicanalista húngaro lidou com a *Einfühlung* e sua atuação no *setting*:

A vantagem do sentir com é o poder de penetrar profundamente nas sensações dos outros e o desejo de ajudar, compulsivo, que os pacientes acolhem com gratidão. Cedo ou tarde, o paciente deixa de encontrar qualquer proveito no simples "sentir com". Ou querem ficar comigo e que eu os faça felizes para o resto da vida, ou então preferem pôr fim ao medo de um medo sem fim (Ferenczi [1932] 1990a, p. 97, grifo nosso).

As observações de Ferenczi nos auxiliam na compreensão de como a *Einfühlung* enquanto empatia é um instrumento poderoso para a criação do vínculo transferencial no processo analítico. No entanto, no caso ora analisado por nosso autor e do qual é protagonista - bem como em outros o qual o processo se repetiria em sua atuação clínica - tal vínculo estaria tão embebido em afetos que acabaria por gerar uma conexão permanente baseada em uma promessa de felicidade ou a ruptura completa do vínculo feita pelo analisando para livrar-se do conflito e da dor gerada pela possibilidade do término. Ferenczi ([1932] 1990a, p. 97), inclusive, observa um padrão em seus pacientes: a necessidade constante de analisá-lo, que teria como meta a evocação de um antigo trauma que pudesse explicar a atitude clínica que o colocava quase sempre à mercê de agressões.

14

Tais conceitos, seus aspectos metapsicológicos e suas implicações clínicas são analisados nos capítulos sete e oito do trabalho de DEAN-GOMES, Gustavo. **Budapeste, Viena e Wiesbaden**: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi. São Paulo: Blucher, 2019. 496 p. (Série contemporânea; Flávio Ferraz (coord.)) e no capítulo cinco de KUPERMANN, Daniel. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodon, 2019. 175 p. (Coleção grandes psicanalistas, 7; Daniel Kupermann (coord.)).

Nessa altura de suas notas, uma questão pertinente é levantada: até onde haveria um caráter idiossincrático em tal processo? Nosso autor é taxativo ao afirmar que "Essa sensibilidade é uma propriedade puramente pessoal [...]" (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 97). Alega que não conhece outros psicanalistas com um sentimento de culpa tão aflorado a ponto de causar interferência na clínica, salvo os próprios alunos que lhe teriam herdado tal tendência. Com a mesma franqueza reconheceu que a característica que poderia lhe deixar vulnerável no *setting*, manejada com destreza, seria de grande utilidade:

Resta lançar no meu ativo o fato de que acompanho os meus pacientes o mais longe possível e, *com ajuda dos meus próprios complexos*, posso chorar com eles, por assim dizer. Se adquiro, ademais, a capacidade de represar, no momento certo a emoção e a exigência de descontração, então posso prever o êxito com segurança (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 97, grifo nosso).

Ao mesmo tempo que a *Einfühlung*, enquanto tato e empatia, exigiria da parte do analista uma postura de autêntico interesse em sua aplicação na situação clínica¹⁵, levanta-se a questão sobre seu caráter ontológico. Ferenczi reconheceu, por exemplo, que - quando conseguia realizar um manejo eficiente de seus próprios complexos e emoções - vinculava-se mais profundamente a seus analisandos. Resta saber se analistas cujas psiquês tenham se estruturado de modo diverso ao de Ferenczi conseguiriam o mesmo sucesso.

EPÍLOGO

As reflexões do *Diário Clínico* feitas no dia 17 de março de 1932 foram registradas pouco mais de um ano antes da morte de Sándor Ferenczi, em 22 de maio de 1933. A esta altura as relações com Freud e seu entorno já estavam em processo de franca deterioração, o que pode ser observado na parte final dessas anotações - quando Ferenczi explicita a necessidade de maior compreensão do emaranhado entre a *Einfühlung* e seus próprios complexos e emoções - colocando a atuação de seu analista à época como obstáculo fundamental:

A minha própria análise não pôde avançar o bastante em profundidade porque *meu analista* (uma natureza narcisista, segundo sua própria confissão), com sua determinação firme de se manter em boa saúde e *sua antipatia pelas fraquezas e pelas anomalias, não pôde acompanhar-me nessa profundidade* e começou cedo demais com o "educativo". *O forte de Freud é a firmeza da educação*, como o meu é a profundidade na técnica de relaxamento¹⁶ (Ferenczi, [1932] 1990a, p. 97-98, grifos nossos).

Essa passagem – cuja queixa embaraça crítica teórico-clínica e transferência negativa, com um leve perfume de ironia – além de mais um exemplo da complexidade relacional entre Ferenczi e Freud, parece ser também um indício de como a *Einfühlung* se tornou fruto dessa dinâmica. Difícil evitar a sensação de que todo cuidado

16

Ferenczi esteve em análise com Freud em três momentos: outubro de 1914 (três semanas e meia de duração, com sessões diárias e, por vezes, duas vezes ao dia), junho de 1916 e entre setembro e outubro de 1916, de acordo com Gustavo Dean-Gomes. O encontro com Freud e as primeiras contribuições à psicanálise (1907-1909). In: *Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher, 2019a. p. 121. (Série contemporânea; Flávio Ferraz (coord.)).

e compromisso ético de Ferenczi para com seus analisandos não possam ser vistos como a expressão do modo como ele desejava ser tratado por Freud, seja no ambiente clínico ou fora dele.

As fissuras teórico-clínicas e pessoais entre ambos caminharam para seu auge no contexto do décimo segundo Congresso da Associação Psicanalítica Internacional em Wiesbaden, entre 4 e 7 de setembro de 1932. Pouco antes do evento, o psicanalista húngaro foi convidado por Freud para presidir a instituição. A sucessão de Max Eitingon deveria ser feita por uma autoridade analítica capaz de preservar o legado freudiano diante de rivalidades teóricas e políticas. Ferenczi declina do convite, mais interessado que estava no estudo de seus casos (Dean-Gomes, 2019c, p. 449). Faz, no entanto, uma aproximação diplomática ao submeter de antemão para ciência de seu mentor o texto da conferência que apresentaria no evento: *As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança*¹⁷. Em vão.

[...] o mestre escutou com uma impaciência irritadiça, fez algumas anotações secas e, quando Ferenczi lhe estendeu a mão para despedir-se, Freud virou-se e saiu precipitadamente do recinto. Quem havia sido um íntimo da casa e havia sido chamado por Freud de “meu filho querido”, teve nessa ocasião de ser anunciado e lhe foi concedida somente uma breve e formal audiência (Rachman¹⁸, 2004 *apud* Dean-Gomes, 2019a, p. 120).

As teses e inovações de Ferenczi logo tornaram-se alvo de virulentos ataques da parte do cânone psicanalítico e podem ser sintetizados na visão de Ernest Jones, que destacava episódios de psicose, delírios de hostilidade para com Freud, bem como “violentos ataques paranoicos e mesmo homicidas” (Jones, 1979, p. 728-729).

17 Publicada em 1933 com o título com o qual ficou mais conhecida: **Confusão de língua entre os adultos e a criança**: a linguagem da ternura e da paixão (*ibidem*, 2019c, p. 449).

18 RACHMAN, Arnold William. **Sándor Ferenczi**: el terapeuta de la pasión y la ternura. Santiago: Indepsi, 2004.

Na homenagem fúnebre a Ferenczi – acometido de uma anemia perniciosa – Freud, ao mesmo tempo em que lhe prestou vibrante deferência, não deixou de salientar o que, a seus olhos, seria um defeito: o desejo de curar.

[...] Tendo retornado de um período de trabalho na América, parecia recolher-se cada vez mais ao trabalho solitário, ele, que antes participara ativamente de tudo que sucedia nos meios analíticos. *A necessidade de curar e ajudar tornou-se nele predominante*. Provavelmente ele se impôs *metas inalcançáveis com os meios terapêuticos de hoje* (Freud, [1933] 2010, p. 428, grifos nossos).

Ao buscarmos em nossa reflexão analisar como se organizou e evoluiu o conceito de *Einfühlung*, sempre tivemos em mente sua capacidade singular de perpassar as reflexões teórico-clínicas e as relações pessoais de Sándor Ferenczi, em especial com, obviamente, Sigmund Freud, sua incansável referência. Como procuramos demonstrar, o tato e a empatia – as duas faces da *Einfühlung* – foram estruturantes em sua visão sobre como a clínica psicanalítica não deveria perder de vista a responsabilidade do analista diante da fragilidade de quem o procura, bem como a existência de um compromisso ético incontornável a organizar o *setting*. Fundamental ressaltar que a potência das ideias, *insights* e do experimentalismo ferenczianos serão inspiração para as reflexões psicanalíticas de Michael Balint, Donald Winnicott, Melanie Klein, entre muitos outros e outras, abrindo caminho às reflexões sobre o pensamento e a clínica das relações de objeto, notadamente a partir da chamada virada de 1928 (Kupermann, 2019b).

REFERÊNCIAS

BOKANOWSKI, Thierry. Uma vida inscrita no cadinho da história do movimento psicanalítico. *In: Sándor Ferenczi*. Tradução de Monica Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2000a. p. 13-41. (Psicanalistas de hoje).

BOKANOWSKI, Thierry. A obra. *In: Uma vida inscrita no cadinho da história do movimento psicanalítico. In: Sándor Ferenczi*. Tradução de Monica Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2000b. p. 43-114. (Psicanalistas de hoje).

BOKANOWSKI, Thierry. O método e sua prática. *In: A prática analítica*. Tradução de Marilda Pedreira. [1.ed. 1997]. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 13-28. (Desenvolvimento da Psicanálise; Elias Mallet da Rocha Barros (dir.)).

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Ferenczi e a experiência da Einfühlung. *Ágora*, v. 7, n. 1, jan. / jul. 2004. p. 73-85. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100005>. Acesso em: 27 fev. 2023.

DEAN-GOMES, Gustavo. O encontro com Freud e as primeiras contribuições à psicanálise (1907-1909). *In: Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher, 2019a. p. 105-151. (Série contemporânea; Flávio Ferraz (coord.)).

DEAN-GOMES, Gustavo. A relação entre trauma e ambiente primário e suas consequências psicogênicas e clínicas: o início do período de indulgência (1925-1931). *In: Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher, 2019b. p. 309-376. (Série contemporânea; Flávio Ferraz (coord.)).

DEAN-GOMES, Gustavo. A ampliação do campo do trauma e os derradeiros avanços clínicos de Ferenczi (1931-1933). *In: Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher, 2019c. p. 377-459. (Série contemporânea; Flávio Ferraz (coord.)).

FERENCZI, Sándor. As neuroses à luz do ensino de Freud e da psicanálise [1908]. *In: Psicanálise I*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. p. 5-24. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 1).

FERENCZI, Sándor. A psicologia do chiste e do cômico [1911]. *In: Psicanálise I*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. p. 153-166. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 1).

FERENCZI, Sándor. O problema da afirmação do desprazer: progressos no conhecimento do sentido de realidade [1926]. *In: Psicanálise III*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. p. 431-443. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 3).

FERENCZI, Sándor. A adaptação da família à criança [1928]. *In: Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020a. p. 1-15. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 4).

FERENCZI, Sándor. O problema do fim da análise [1928]. *In: Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020b. p. 17-27. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 4).

FERENCZI, Sándor. Elasticidade da técnica psicanalítica [1928]. *In: Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral; Claudia Berliner (rev. téc.). [1.ed. 1982]. 2.ed. 2.tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020c. p. 29-42. (Obras completas/ Sándor Ferenczi; v. 4).

FERENCZI, Sándor. 17 mar. 1932; Vantagens e desvantagens do "sentir com" intensivo. *In: Diário clínico* [1932]. Tradução de Álvaro Cabral & Claudia Berliner (rev. trad.). [1.ed. 1985]. São Paulo: Martins Fontes, 1990a. p. 95-98. (Estante de Psicanálise).

FERENCZI, Sándor. 12 abr. 1932; O relaxamento do analista. *In: Diário clínico* [1932]. Tradução de Álvaro Cabral & Claudia Berliner (rev. trad.). [1.ed. 1985]. São Paulo: Martins Fontes, 1990b. p. 120-123. (Estante de Psicanálise).

FERENCZI, Sándor. 05 maio 1932; Sem título (caso de R.N.). *In: Diário clínico* [1932]. Tradução de Álvaro Cabral & Claudia Berliner (rev. trad.). [1.ed. 1985]. São Paulo: Martins Fontes, 1990c. p. 134-138. (Estante de Psicanálise).

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)**. Tradução de Fernando Costa Mattos & Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. ed. Kindle. 233 p. (Obras completas, v. 7).

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). *In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ed. Kindle. p. 129-142. (Obras completas, v. 10).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). *In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ed. Kindle. p. 171-185. (Obras completas, v. 10).

FREUD, Sigmund. Sándor Ferenczi (1873-1933). *In: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 426-429. (Obras completas, v. 18).

JONES, Ernest. A última fase (1919-1939); Dissensões (1921-1926). *In: Vida e obra de Sigmund Freud*. Organização e resumo de Lionel Trilling e Steven Marcus. Tradução de Marco Aurélio de Moura Mattos. [1.ed. 1961]. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 573-779. (Psyche).

KAHTUNI, Haydée Christinne & SANCHES, Gisela Paraná. Adaptação da família à criança. *In: Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009a. p. 27-29.

KAHTUNI, Haydée Christinne & SANCHES, Gisela Paraná. Elasticidade da técnica psicanalítica. *In: Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009b. p. 139-142.

KAHTUNI, Haydée Christinne & SANCHES, Gisela Paraná. Empatia. *In: Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009c. p. 142-144.

KAHTUNI, Haydée Christinne & SANCHES, Gisela Paraná. Severn, Elizabeth. *In: Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009d. p. 345-346.

KAHTUNI, Haydée Christinne & SANCHES, Gisela Paraná. Tato psicológico. *In: Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009e. p. 369-370.

KUPERMANN, Daniel. A virada de 1928 e os princípios para uma ética do cuidado em psicanálise. *In: Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019a. p. 89-123. (Coleção grandes psicanalistas, 7; Daniel Kupermann (coord.)).

KUPERMANN, Daniel. A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise. **Cadernos de Psicanálise**, v. 41, n. 40, jan. /jun. 2019b, p. 49-63. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100004. Acesso em: 6 set. 2023.

SOBRE O AUTOR



Carlos Rogério Gonçalves da Silva

O enfoque abrangente proporcionado pelo Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP) sobre as diversas ramificações dos estudos psicanalíticos foi fundamental para que eu pudesse cultivar meu interesse pela clínica de Sándor Ferenczi. Contudo, não posso deixar de reconhecer que também sou um incansável admirador do monumental legado de Sigmund Freud. De maneira inescapável, minha prática clínica transita entre esses mundos. Além de psicanalista, sou também historiador e professor, formado pela FFLCH/USP. Há mais de vinte anos milito obstinadamente nas trincheiras do ensino básico. Aventurei-me no universo das artes, o que me levou a uma especialização no IA/UNESP, no qual também obtive o título de mestre em Artes Cênicas, com ênfase na história do teatro brasileiro. Minha aproximação com a psicanálise se deu, como muitos, pela dor. Transformada em objeto de estudo, não tardou a abrir um novo caminho profissional, inesperado para alguém que nunca se imaginou distante das salas de aula¹⁹.

São Paulo, primavera de 2024.

19

Contato: psi.carlosgon@gmail.com
Telefone: +55 (11) 99467-0581
<https://armorcard.com.br/psicarlosgon>

[WWW.PIMENTACULTURAL.com](http://WWW.PIMENTACULTURAL.COM)

SÁNDOR FERENCZI

incansável freudiano